



ALFABETIZAÇÃO: O OLHAR DE PAULO FREIRE

DREYER, Loiva – FAPI
dreyerloiva@hayoo.com.br

Eixo Temático: Didática: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

A educação de Jovens e adultos no Brasil passa por momentos de muitos conflitos e apesar de ser um direito de todos, muitas pessoas adultas ainda são considerada analfabetas por não terem a oportunidade ou por não terem o tempo necessário para continuar a freqüentar os estudos. Esta pesquisa tem como foco a “Alfabetização: o olhar de Paulo Freire”. Na visão do educador o método de alfabetização tem como fio condutor os caminhos e as maneiras diversificadas do professor ensinar. A alfabetização de adultos visa promover a conscientização acima de seus problemas do cotidiano, a compreensão do mundo e da realidade social, bem como a sua importância no ensino aprendizagem é de tentar compreender as metodologias e recursos didáticos utilizados no EJA. O educador deve estar embasado teoricamente para apontar métodos que despertem no jovem e no adulto a conscientização, a criatividade e o interesse em querer saber sempre mais. Para isso, é necessário que o material didático utilizado pelo educador seja construído a partir de debates entre ele e os alunos com o objetivo de fazer um levantamento dos conhecimentos dos alunos, até mesmo do vocabulário que faz parte do universo de comunicação destes alunos partindo destas considerações, o objetivo geral do estudo é compreender como acontece o processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. E mais especificamente se pretende descrever como aconteceu o processo de alfabetização de jovens e adultos com base em Paulo Freire e analisar os métodos e práticas utilizadas por Paulo Freire. Para tanto, para a análise dos objetivos e coleta dos dados optou-se pela metodologia da pesquisa teórica bibliográfica, isto porque os dados serão coletados em obras publicadas mecânica e eletronicamente.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Alfabetização. Métodos e práticas.

Introdução

Este presente trabalho tem como fundamento mostrar a Educação de Jovens e Adultos na Visão de Paulo Freire. Pois é através de maneiras diversificadas que conseguimos uma educação melhor para os nossos jovens, Freire nunca acreditou em saberes já existentes em palavras formadas, acreditava que todos pudessem criá-las a partir de sua cultura, suas

experiências do dia-a-dia, sendo que o professor deve estar disposto a ouvir e dialogar junto com seus alunos preparado para aprender e ensinar tanto para os jovens como para as crianças. Também na educação de adultos consideramos significativo oferecer oportunidades diferentes que os estimulem para a aprendizagem e que possam contribuir com o desenvolvimento intelectual dos sujeitos.

A alfabetização de Adultos no Brasil é uma demanda dramática, porque adultos que não sabem ler e escrever foi porque não conseguiram fazê-la na escola em tempo hábil, trazendo atravessados na garganta experiências frustrantes por não terem conseguido dominar a palavra escrita. Dessa forma, oportunizar aos cidadãos acesso às tecnologias e suas linguagens, poderá favorecer as suas interações diárias no trabalho e no meio social onde vivem.

Os métodos de Paulo Freire não ensinam a repetição de palavras, mas o de desenvolver a capacidade de pensá-las com base nas palavras retirados do cotidiano dos alunos formando assim as palavras geradoras que através de uma palavra conseguimos formar muitas outras diferentes e que se torna muito mais fácil para o entendimento dos alunos. Com as palavras o homem se faz homem, ao dizer sua palavra estará assumindo a condição humana

Este trabalho tem como objetivo geral: compreender como acontece o processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos. E mais especificamente se pretende:

- a) Descrever como acontece o processo de alfabetização de jovens e adultos com base em Paulo Freire;
- b) Analisar os métodos e práticas utilizadas por Paulo Freire.

O educador deve estar embasado teoricamente para apontar métodos que despertem no jovem e no adulto a conscientização, a criatividade e o interesse em querer saber sempre mais. Para isso, é necessário que o material didático utilizado pelo educador seja construído a partir de debates entre ele e os alunos com o objetivo de fazer um levantamento dos conhecimentos dos alunos, até mesmo do vocabulário que faz parte do universo de comunicação alunos.

A alfabetização de jovens e adultos: a visão de Paulo Freire

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921 em Recife, faleceu em São Paulo, 2 de maio de 1997 foi um educador e filósofo brasileiro. Destacou-se por seu trabalho na área da

educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. Autor de “Pedagogia do Oprimido”, um método de alfabetização dialético, se diferenciou do "vanguardismo" dos intelectuais de esquerda tradicionais e sempre defendeu o diálogo com as pessoas simples, não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático.

O renomado educador brasileiro Paulo Regus Neves Freire jamais concordou com práticas educacionais que transmitissem aos sujeitos um saber já construído. Ele acreditava que o ato de educar deve contemplar o pensar e o concluir, contrapondo a simples reprodução de ideias impostas para ele alfabetização deveria ser sinônima de reflexão, argumentação e criticidade.

Esse pedagogo brasileiro, consagrado em todo o mundo, contribuiu praticando e teorizando a educação popular. Se em práticas educacionais envolvendo alfabetização em níveis de escolaridades. Adequados, metodologias tradicionais de ensino não despertam interesse do educando, no EJA estas ações são um convite a evasão escolar.

Esse educador não é a favor de cartilhas que são elaboradas para todo um país e que fatalmente ficarão distantes da realidade dos educandos. Para ele, as cartilhas não contribuem com o processo de criação do adulto em processo de alfabetização. Afirma que as palavras devem ser criadas e não “doadas”. O alfabetizando é o sujeito e não objeto da alfabetização. As cartilhas, inevitavelmente, não favorecem a esta concepção.

Há décadas que se buscam métodos e práticas adequadas ao aprendizado de jovens e adultos, como por exemplo, Freire, (1979, p. 72) comenta que:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procura mos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador.

As atividades apresentadas a eles também eram desmotivastes ao processo, pois traziam suas respostas prontas, sem a necessidade de uma reflexão sobre o assunto. Então, realmente as práticas envolvendo a alfabetização de adultos estavam desvinculadas da realidade de seus educandos.

Paulo Freire iniciou suas pesquisas de campo, e através delas pode confirmar que as metodologias e os materiais didáticos utilizados, estavam desmotivando os alunos, que demoravam muito a apresentar resultados e acabavam abandonando os estudos. Após esta

conclusão, Freire elaborou seu método e partiu para o desafio de alfabetizar para além das cartilhas.

Para ele as cartilhas não contribuem com o processo de criação do adulto em processo de alfabetização. As cartilhas ensinavam pelo método da repetição de palavras soltas ou de frases criadas de forma forçosa que comumente se denomina como linguagem de cartilha. Freire (1989, p.13) relata que:

[...] seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora.

Para realização de seu trabalho, o educador deveria saber ouvir o educando em suas experiências e através delas elaborar seu roteiro de ação, apresentando materiais que apresentassem sentido para a vida dos alfabetizando, proporcionando a eles ricos momentos de reflexão, durante os círculos de cultura nomenclatura utilizados por Freire para apresentar essa fase do método. Ainda segundo Freire (1987) a concepção bancária de educação; é uma crítica a educação que existe no sistema capitalista. Nessa concepção Freire (1987, p.34) comenta que:

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

O professor sempre tem um poder sobre seu aluno e como consequência à possibilidade de formar sujeitos ativos e críticos e não domesticados. A Educação Bancária se

alicerça nos princípios de dominação, de domesticação e alienação transferidas do educador para o aluno através do conhecimento dado, imposto, alienado.

De fato, nessa concepção, o conhecimento é algo que por ser imposto, passa a ser absorvido passivamente: Freire, (1987, p. 33) comenta que:

Na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam Sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

Como se vê a opressão é o cerne da concepção bancária. Para analisar esta concepção que se fundamenta no antidiálogo, Freire (1987) apresenta características que servem à opressão. Freire (1987, pg. 78-79-83-86) elas são caracterizadas como:

Conquista: A necessidade de conquista se dá desde as mais duras às mais sutis; das mais repressivas às mais adocicadas, como o paternalismo.

Divisão: Na medida em que as minorias, submetendo as majorias a seu domínio, as oprimem dividi-las e mantê-las divididas são condições indispensáveis à continuidade de seu poder.

Manipulação: Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E quanto mais imaturas politicamente estejam, tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder.

Invasão cultural: a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, enquanto lhes freia a criatividade, ao inibirem sua expansão.

Ao contrário da educação libertadora, a concepção bancária de educação não exige a consciência crítica do educador e do educando, assim como o conhecimento não desvela os "porquês" do que se pretende saber. Nesse sentido que a educação bancária nega a dialogicidade nas relações entre os sujeitos e a realidade.

Por oposição à Educação Bancária, a educação, segundo Freire, é libertação nesta concepção, o conhecimento parte da realidade concreta do homem e este reconhece o seu caráter histórico e transformador.

Freire ressalta a necessidade do homem entender sua vocação ontológica, como ponto de partida para se obter nessa análise uma consciência libertadora, isto é, o homem só

chegará à consciência do seu contexto e do seu tempo na relação dialética com a realidade, pois só desta maneira terá criticidade para aprofundar seus conhecimentos e tomar atitudes frente a situações objetivas. Freire, (1987, p. 80) relata que: [...] a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade [...] busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade.

O comprometimento com a transformação social é a premissa da educação libertadora. Libertação que não é só individual, mas principalmente coletiva social e política. O ponto de partida do pensamento de Paulo Freire se dá a partir da visão de uma realidade onde o homem já não era sujeito de si próprio, ou como ele mesmo se referia, anulando o sentido de sua vocação, ou seja, deixa de ser sujeito de seu agir e de sua própria história. A educação libertadora nos mostra características necessárias para que essa educação se concretize. Freire (1987 pg. 96; 99; 102; 104) relata que são as seguintes:

Co-laboração: a ação dialógica só se dá coletivamente, entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação.

União: a classe popular tem de estar unida e não dividida, pois significa a união solidária entre si, implica esta união, indiscutivelmente, numa consciência de classe.

Organização: é o momento altamente pedagógico, em que a liderança e o povo fazem juntos os aprendizados da autoridade e da liberdade verdadeiros que ambos, como um só corpo, busca instaurar, com a transformação da realidade que os mediatiza.

Síntese cultural: consiste na ação histórica, se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante faz da realidade objeto de sua análise crítica.

O modelo de educação proposto por Paulo Freire se diferencia da educação tradicional que trata o aluno como objeto a modelar e equipar do exterior por um processo de transmissão do saber do professor para o aluno, pois abomina dentre outras coisas a dependência dominadora.

Na ação educativa libertadora, existe uma relação de troca horizontal entre educador e educando exigindo-se nesta troca, atitude de transformação da realidade conhecida. É por isso, que a educação libertadora é acima de tudo uma educação conscientizadora, na medida em que além de conhecer a realidade, busca transformá-la, ou seja, tanto o educador quanto o

educando aprofundam seus conhecimentos em torno do mesmo objeto cognoscível para poder intervir sobre ele.

Neste sentido, quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais os educandos se sentirão desafiados a buscar respostas, e conseqüentemente quanto mais incitados, mais serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade. Esta relação dialética é cada vez mais incorporada na medida em que, educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo.

Freire critica a educação bancária que consiste em considerar o aluno como uma “tabula rasa”, ele propõe uma educação que fosse instrumento de transformações sociais, que levasse a pessoa à conscientização.

Dentro da perspectiva de Freire há um posicionamento do homem como participante de um meio e dos pressupostos que envolvem a educação, ou seja, analisa a problemática dos processos de ensino aprendizagem através do jogo de interesses políticos, econômicos, sociais e culturais, em suma através de nossa realidade.

A construção do conhecimento na educação de jovens e adultos através do método de Paulo Freire

Para esse educador brasileiro é preciso inicialmente, na alfabetização, fazer o levantamento do universo vocabular do estudante a fim de identificar as palavras geradoras, as palavras de uso mais freqüente.

O método de Alfabetização de Paulo Freire tem sido o grande referencial nos últimos 30 anos. Para ele, o educando adulto é tratado como sujeito do próprio conhecimento e não como objeto. Entende que o jovem e o adulto são portadores de um conhecimento que se fundamenta na sua cultura, nas suas experiências. Palavras geradoras são extraídas do seu universo vocabular e são temas de discussão nos círculos de cultura.

O método de Paulo Freire baseia-se nas palavras geradoras que se inicia pelo levantamento do universo vocabular dos alunos. Freire (1987, p.6)

Estas palavras são chamadas geradoras porque, através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou re-constituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou, dentro delas, se configuram. Representativos das respectivas situações, que, da experiência vivida do

alfabetizando, passam para o mundo dos objetos. O alfabetizando ganha distância para ver sua experiência: “ad-mirar”. Nesse instante, começa a decodificar.

Através de conversas informais o educador observa os vocábulos mais usados pelos alunos e a comunidade, e assim seleciona as palavras que servirão de base para as lições. A quantidade de palavras geradoras pode variar com o professor. Depois de composto o universo das palavras geradoras, elas são apresentadas em cartazes com imagens. Então, nos círculos de cultura inicia-se uma discussão para significá-las na realidade daquela turma. Com isso os educandos passam para as etapas seguintes do aprendizado que consiste em uma dupla leitura: a da realidade social que se vive e a da palavra escrita que se traduz.

Dessa forma, o objetivo da alfabetização de adultos é promover a conscientização acerca dos problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social.

Freire, por intermédio dos círculos de cultura, propôs o uso das palavras geradoras na alfabetização em EJA. Freire (1987, p.6) nos mostra que através dessas palavras.

[...] surge à comunicação, o diálogo que critica e promove os participantes do círculo. Assim, juntos, re-criam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora pode ver ao revés. No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo.

Nesse processo, a leitura da realidade dos educandos jovens e adultos é fundamental para a seleção das palavras que impulsionarão a aprendizagem da leitura e da escrita.

De acordo com os pressupostos da teoria freiriana sobre palavras geradoras, o emprego dessa prática envolve basicamente três etapas.

A primeira etapa investigar e conhecer o universo vocabular dos educandos, Freire (1987, p.6) relata que “essas palavras, oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando, uma vez transfiguradas pela crítica, a ele retornam em ação transformadora do mundo”. Desse contexto de muito diálogo surgirá temas ou palavras geradoras como, por exemplo: sobre algum problema que a comunidade esteja enfrentando, como chuvas fortes, falta de saneamento, desemprego, enfim, qualquer tema que mereça ser problematizado e que venha à tona nas discussões em sala de aula.

As etapas do método Paulo Freire eram segundo Freire (2000, p. 32):

Etapa de investigação: em que a busca era conjunta entre professor e aluno das palavras e temas mais significativos da vida do aluno, dentro de seu universo vocabular e da comunidade onde ele vive.

Etapa de tematização: que era o momento da tomada de consciência do mundo, através da análise dos significados sociais dos temas e palavras.

Etapa de problematização: momento em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada.

A etapa seguinte consiste em separar do tema gerador discutido as palavras que possam ser utilizadas como palavras geradoras. Por exemplo, com um grupo de mulheres que discute questões relativas à alimentação, pode-se separar palavras como novelo, menina entre outras. Assim que as palavras geradoras devem ser selecionadas de acordo com a representação da realidade do educando jovem e adulto para a formação de novas palavras.

Com as "Palavras Geradoras" tenta-se criar um conceito, pois surgem várias palavras, onde se cria um conceito do tema abordado, partindo então do universo do educando, usando os mais diversos conhecimentos da região ou o local onde o educando esta inserida, isto facilita que o aluno aprenda a partir do seu meio. Freire valoriza imensamente o meio do educando, levando em conta a sua história, cultura, a experiência do interior do aluno, não se perde nada se aproveita tudo. Sendo um ponto positivo da aprendizagem. Freire (1987, p.6) pontua:

As palavras geradoras: palavras geradoras em seu contexto existencial ele a redescobre num mundo expressado em seu comportamento. Conscientiza a palavra como significação que se constitui em sua intenção significante, coincidente com intenções de outros que significam o mesmo mundo. Este – o mundo – é o lugar do encontro de cada um consigo mesmo e os demais.

As palavras geradoras devem obedecer a uma seqüência. Para isso, as sílabas trabalhadas em sala de aula devem ser registradas em uma ficha ou no próprio caderno dos alfabetizados. Depois, eles deverão ser incentivados a construir novas palavras e a compará-las para descobrir semelhanças ou diferenças entre elas.

O uso do alfabeto móvel e do quadro também constitui uma excelente dica para a formação de novas palavras. Nesse processo de construção de novas palavras, a leitura e a escrita devem acontecer simultaneamente para que o aluno possa perceber a relação oral dos

valores das vogais e das consoantes nos fonemas e, assim, fazer o reconhecimento sonoro das letras e das sílabas, no aprendizado da leitura e da escrita.

A terceira etapa visa à superação, por meio de situações problemáticas que conduzem à reflexão e ao desenvolvimento da criticidade. Para isso, as palavras geradoras devem ser problematizadas, com a mediação do educador. Toda palavra, por mais simples que seja, pode ser problematizada. Conforme Freire (1987, p. 57) afirma: “Assim é que, no processo de busca da temática significativa, já deve estar presente a preocupação pela problematização dos próprios temas, Por suas vinculações com outros por seu envolvimento histórico-cultural”.

Alfabetizar não é aprender a repetir palavras, mas dizer a sua palavra criadora de sua própria cultura.

Depois do levantamento vocabular, os “círculos de cultura” oferecem a oportunidade de debate, de problematização, de conscientização. A Alfabetização para ele não é puramente mecânica, decifração de códigos ou de sinais gráficos, mas, enquanto se desenvolve o processo de aquisição da leitura e da escrita, que é aprendizagem de significados, dá-se primordialmente, a conscientização. O professor, nesse processo, é um animador, evitando toda forma de autoritarismo, promovendo a interlocução e o diálogo.

O método de alfabetização de Paulo Freire pretende integrar a leitura da palavra à leitura do mundo, pois essa precede aquela. Lê-se a palavra e se aprende a escrever a palavra como consequência de quem tem a experiência do mundo e de estar em contato com o mundo e em condições de mudá-lo.

Paulo Freire identifica o alfabetizando como sujeito da aprendizagem, portador de um conhecimento, de uma aprendizagem que ocorre a partir das experiências, do diálogo, da leitura do mundo, da concepção de alfabetização como construção de significados.

Segundo Brandão (2001, p.54) O método quer dizer caminho. "Um método serve para dizer como é que a gente pode sair de um lugar e caminhar, com as palavras e com as idéias, para chegar a outro lugar".

O método de Paulo Freire baseia-se nas palavras geradoras que se inicia pelo levantamento do universo vocabular dos alunos. Através de conversas informais, o educador observa os vocábulos mais usados pelos alunos e a comunidade, e assim seleciona as palavras que servirão de base para as lições. Conforme explica Freire (1987, p.50)

[...] nos parece que a constatação do tema gerador, como uma concretização, é algo a que chamamos através, não só da própria experiência existencial, mas também de uma reflexão crítica sobre as relações entre homens-comuns e homens-homens.

Em seu livro *Educação com Prática da Liberdade* Freire (1980) propõe a aplicação de seu método em cinco fases que segundo Gasque e Tameiurão (2011, p. 39) pontuam que:

1ª fase: Levantamento do universo vocabular do grupo. Nessa fase ocorrem as interações de aproximação e conhecimento mútuo, bem como a anotação das palavras da linguagem dos membros do grupo, respeitando seu linguajar típico.

2ª fase: Escolha das palavras selecionadas, seguindo os critérios de riqueza fonética, dificuldades fonéticas - numa seqüência gradativa das mais simples para as mais complexas, do comprometimento pragmático da palavra na realidade social, cultural, política do grupo e/ou sua comunidade.

3ª fase: Criação de situações existenciais características do grupo. Trata-se de situações inseridas na realidade local, que devem ser discutidas com o intuito de abrir perspectivas para a análise crítica consciente de problemas locais, regionais e nacionais.

4ª fase: Criação das fichas-roteiro que funcionam como roteiro para os debates, as quais deverão servir como subsídios, sem, no entanto seguir uma prescrição rígida.

5ª fase: Criação de fichas de palavras para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras.

Com isso os educandos passam para as etapas seguintes o aprendizado coletivo e solidário, que consiste em uma dupla leitura: a da realidade social que se vive e a da palavra escrita que se retraduz.

No entanto, desde a sua origem e aplicação na década de 60 até os dias atuais, o Método Paulo Freire vem criando controvérsias, se constituindo um assunto polêmico, além de ser uma fonte de estudo, pesquisa e também aplicação em diferentes partes do Brasil e do mundo. Como todo Método, este deve ser estudado, analisado e recriado devido às necessidades de cada educador, para que se obtenha o máximo aproveitamento do aluno.

Esta fase mostrou resultados enriquecedores para a equipe de educadores, pelas relações que estabelecem, pelo conteúdo, os contatos revelam desconfiança, ansiedade, mas também esperança e força.

Ao fazer desse contemplar a cultura o sujeito da educação, o fenômeno educativo e o homem e a sociedade, um passo fundamental do fazer pedagógico. Isto é, na compreensão de Freire teoria é um princípio de inserção do homem na realidade como ser que existe nela, e

existindo promove a sua própria concepção da vida social e política. Para confirmar esta opinião (Freire, 1979, p.93), comenta que:

De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica uma inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade.

Ao enfatizar essa teoria garantimos a inserção do homem na realidade. A teoria é sempre a reflexão que se faz do contexto concreto, deve-se partir de experiências do homem com a realidade na qual está inserido, cumprindo também a função de analisar e refletir essa realidade, no sentido de apropriar-se de um caráter crítico sobre ela. Compreende-se então, que a teoria não será identificada se não houver um caráter transformador, pois só assim estará cumprindo sua função de reflexão sobre a realidade concreta.

A relação entre teoria e prática centra-se na articulação dialética entre ambas, o que não significa uma identidade entre elas. Significa uma relação que se dá na contradição, expressa um movimento de interdependência em que uma não existe sem a outra. Assim, cada coisa exige a existência do seu contrário, como determinação e negação do outro; na superação, onde os contrários em luta e movimento buscam a superação da contradição, superando-se a si próprios, tudo se transforma em nova unidade de nível superior; e na totalização, em que não se busca apenas uma compreensão particularizada do real, mas coordena um processo particular com outros processos, onde tudo se relaciona.

Portanto, teoria e prática não são apenas palavras, é reflexão teórica, que busca uma postura, uma atitude do homem face ao homem e do homem face à realidade.

Considerações finais

O educador é responsável por enriquecer a vida do aluno através das obras lidas e ações educativas intencionais. Ele precisa observar e proporcionar aos educandos a leitura de diversos textos com assuntos diferentes e então descobrir quais são os temas que mais atraem esses leitores. A descoberta do assunto que mais aproxima os leitores vai depender da realidade em que estão inseridos, do seu contexto social e faixa etária.

O professor deve estar sempre preparado para interagir sempre com os adultos de uma forma onde todos participem e possam expressar suas idéias, suas experiências e dificuldades tanto na prática da leitura como na escrita.

O EJA passa por diversas transformações até conseguir alcançar um lugar na educação que garantisse aos jovens e adultos um desempenho importante para a sociedade.

Para Freire Paulo Freire, (1987, p. 39) “ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho”, ele diz que só se aprende consociando uns com os outros, liderizados pelo mundo que nos cerca, isto é, somos capazes de ensinar para os adultos e para as crianças se formos capazes de aprender, sendo um professor disposto a buscar o novo, aprender todos os dias, e não aquele que acha que sabe. Segundo Freire o bom professor é aquele que se coloca junto com o educando e procura superar com o educando o seu não saber e as suas dificuldades, com uma relação de trocas onde ambas as partes aprendam.

Para ocorrer à aprendizagem é necessário o enfrentamento de situações desafiadoras propiciando aos alunos elaborados conhecimentos. Educar é um ato político, um ato de criação e recriação. O diálogo é fundamental na construção da educação do sujeito, para compreensão da estrutura social de conscientização e de transformação. O alfabetizar não é aprender a ler e escrever através de repetição de palavras, mas sim dizer sua palavra criadora de sua própria cultura.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **História do menino que lia o mundo**. 2.ed. Veranópolis, RS: ITERRA, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 4.ed; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23.ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

_____. **A importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 39.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GASQUE, Giovana Taline; TAMEIURÃO, Juliana Ribeiro. **Educação de Jovens e Adultos.** Ubatã, 2011.